



## PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR DO DISTRITO FEDERAL: UMA INTERPRETAÇÃO DO FENÔMENO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA<sup>(\*)</sup>

Cleber dos Santos Ferreira<sup>(1)</sup>  
Aldo Antônio de Azevedo<sup>(2)</sup>

**Resumo:** *O presente estudo teve por objetivo verificar a ocorrência, frequência e tipos de práticas de violência nas aulas de Educação Física em uma escola pública da cidade satélite de Santa Maria - Distrito Federal. De linha qualitativa e quantitativa combinou-se a aplicação de técnicas entre alunos, professores, equipe de direção e policiais do Batalhão Escolar; no intuito de trazer relatos e compreender a mecânica de construção do fenômeno nas aulas na medida em que mostrou as motivações, as causas, os modos como determinados atos e atitudes se entrelaçam, os efeitos sobre os indivíduos, as relações sociais e o ambiente escolar.*

**Palavras-chave:** *Violência, Escola, Educação Física.*

### INTRODUÇÃO

Vivemos em uma época em que a violência adquire novos formatos, ganhando importância social, política e acadêmica; onde o tratamento dado pela sociedade, de tão comum e freqüente que é a sua ocorrência, torna-se ainda mais banalizado. Entender o fenômeno da violência em suas diversas manifestações, natureza e origens para construção de uma visão crítica é uma preocupação do ser humano.

---

(\*) Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de mestre em Educação Física. Julho de 2010.

(1) Graduação em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília (2003); Especialista em Educação Física Escolar pela Universidade de Brasília (2005); Mestre em Educação Física pela Universidade de Brasília (2010); Professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

(2) Graduação em Educação Física pela Universidade de Brasília (1980), graduação em Direito pelo Centro Universitário de Brasília (2004), Mestrado em Educação pela Universidade de Brasília (1993), Doutorado em Sociologia pela Universidade de Brasília (1999) e Pós-Doutorado em Gestão do Esporte pela Faculdade de



Motricidade Humana (FMH), da Universidade Técnica de Lisboa (2006). Atualmente é Professor Associado I da Universidade de Brasília e atua nos cursos de graduação e nos programas de mestrado, da Faculdade de Educação Física (FEF) e Sociologia (SOL).

Enquanto fenômeno social, o qual acompanha as sociedades e sua história, tem sido analisada e debatida nas suas manifestações e diversidade de espaços sociais, dentre os quais, a escola. Seu conceito é complexo e a análise depende de setores como a cultura, a política, o poder público, a dinâmica da sociedade, das comunidades, do funcionamento das instituições, das relações sociais, das desigualdades sociais, etc. Trazer a discussão sobre a violência que toma conta das escolas públicas do Distrito Federal, utilizando como cenário as aulas de Educação Física e a relação do fenômeno com o envolvimento de alunos, professores e da própria instituição, possibilitará um melhor entendimento do assunto tão pouco abordado, contribuindo para abertura de novas pesquisas nesse âmbito.

Mudaram as relações entre a escola e a comunidade, e essa mudança é acompanhada por novas configurações que podem interferir no dia-a-dia da instituição e porque não no próprio ambiente da Educação Física, exigindo um posicionamento da equipe gestora e, principalmente, do professor frente a temática proposta.

Sendo assim, a questão de pesquisa principal que se faz a partir do referencial teórico construído, com base em autores como Adorno, Bourdieu, Foucault é: Quais as práticas de violência presentes nas aulas de Educação Física, suas relações com a escola e o contexto social em que está inserida, a influência exercida na participação dos alunos assim como a importância da Educação Física e do professor nessa relação?

Foi objetivo do estudo em tela, verificar se o fenômeno da violência, presente no ambiente escolar do Distrito Federal, também se faz nas aulas de Educação Física, discorrendo e discutindo, dentre outras, “se”, “como” e “por que” ocorrem tais práticas. Faz parte desse propósito, uma compreensão das aulas de Educação Física, da figura do professor e dos alunos, com as respectivas visões e envolvimento nessas práticas, da escola e das relações desta com a comunidade como elementos integrantes e intervenientes nessa análise.

## **METODOLOGIA: AMOSTRA E PROCEDIMENTOS**

Para verificação das manifestações de violência ocorridas nas aulas de Educação Física e como este fenômeno interfere nas mesmas, duas etapas de investigação foram realizadas; de modo a articular vantagens e superar as limitações de cada: a) uma abordagem quantitativa e, b) uma abordagem qualitativa. O cruzamento entre as abordagens, além de mensurar tais manifestações em sua multiplicidade de formas; apresenta relatos e testemunhos de situações relacionadas ao fenômeno a partir das vozes dos sujeitos que passaram (ou passam) por tais experiências. Este estudo possibilita, por meio dos relatos dos envolvidos, compreender a mecânica de construção do fenômeno nas aulas na medida em que mostra as motivações, as causas, os modos como determinados atos e atitudes se entrelaçam, e os efeitos sobre os indivíduos, as relações sociais e o ambiente escolar.

Para tanto foram realizadas observações que possibilitaram um melhor entendimento do ambiente escolar e das aulas de Educação Física, entrevistas com os envolvidos nesse processo e uma busca no caderno de ocorrências diárias da escola sobre práticas que possam ser relevantes ao estudo, assim como a aplicação de questionários e a formação de grupos focais.



A aplicação do questionário objetivou-se pela constatação individual sobre a temática em questão, ou seja, o que os participantes isoladamente pensavam sobre o tema específico; sendo escolhido para fornecer dados quantitativos que pudessem ser cruzados com os depoimentos obtidos nos grupos focais e as observações das aulas. O mesmo teve sua aplicação realizada pelo próprio pesquisador e destinada a um grupo composto de 50 alunos, 05 professores e 06 membros da equipe de direção.

O grupo focal possibilitou, no confronto de opiniões, revelar o posicionamento dos mesmos diante do foco da discussão; sendo 08 grupos de alunos, formado por meninos e meninas escolhidos de forma aleatória, 01 grupo composto por professores de Educação Física, professores de demais áreas, coordenador e diretora, e 01 grupo de policiais do Batalhão Escolar. Sua aplicação deu-se por meio de visita ao estabelecimento de ensino. No grupo focal composto por policiais, além da presença do pesquisador, contou com a presença do orientador da pesquisa e de anotadores em igual quantitativo de número dos participantes.

As informações fornecidas pelos grupos foram registradas com o auxílio de gravador digital para não perder a riqueza e o grande quantitativo de dados, sendo dividido por blocos de assuntos para facilitar a discussão, análise e posterior interpretação. O tempo de aplicação seguiu de acordo com a dinâmica particular pertencente a cada grupo, variando entre 30 minutos e aproximadamente 2 horas. Os grupos possuíam entre 05 e 07 pessoas, número esse considerado favorável à participação de todos e de fácil controle do aplicador; sendo a quantidade desses grupos, em especial o de alunos, justificada pela saturação das alternativas de resposta; ou seja, quando passaram a não produzir mais novidades nas discussões, foi um sinal de que o mapeamento das informações foi conseguido. Ressalva seja feita para a conservação estratégica das repetições, mesmo com a saturação, no sentido de não perder a riqueza dos dados que possibilitassem um cruzamento das abordagens quantitativa e qualitativa. A escolha por tal técnica qualitativa justifica-se pela possibilidade de obter maiores informações dos participantes e atender melhor as expectativas do estudo.

As observações permitiram comparar o que foi produzido nos demais instrumentos com o cotidiano dos participantes em seu ambiente natural, ou seja, durante as aulas de Educação Física, sendo observados também os momentos de intervalo; ambientes esses considerados pelos alunos diferenciados do controle da sala de aula e assim passíveis de algumas práticas que ali podem se fazer presentes. O roteiro seguido durante tal técnica possibilitou a aquisição de informações que pudessem favorecer o seu cruzamento com os demais dados já obtidos; tendo também o livro de ocorrências como suporte para obtenção do número e da tipificação dos atos.

A metodologia proposta por Abramovay e Rua (2002) foi utilizada como apoio para o delineamento amostral e de investigação em razão de apresentar características similares e atender às expectativas do presente estudo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Constatou-se que, cada vez mais presentes e constantes, as práticas de violência nas escolas tornam-se preocupação entre os que se inserem nessa dinâmica. Alunos, professores, equipes de direção, pais, policiais e parte da comunidade mostram inquietação com o assunto e ao mesmo tempo sentem-se incapazes frente ao ocorrido; mas não deixam de empreender esforços para amenizar a situação.



Quando observada mais à fundo, a violência na escola mostra-se como um fenômeno que carece de maior atenção, não no sentido de quantidade, mas sim de qualidade; uma vez que inúmeros são os estudos acerca da temática tratados superficialmente ou que deixam de fora componentes importantes para seu entendimento. Pode-se justificar essa superficialidade por se tratar de um fenômeno com diversas faces e que possibilita diferentes interpretações de acordo com o ambiente e a população em que se insere.

A tendência dos que estudam o fenômeno da violência nas escolas é de buscar um culpado para justificar a situação em que essas instituições se encontram. E aí são lançadas teorias que a justificam pela situação socioeconômica, pela falta de referência e estrutura familiar; culpam a comunidade; criticam as instituições de ensino e o seu fazer pedagógico; acusam o próprio aluno; entre outras tantas. Não que essas premissas não sejam colaboradoras da construção de uma imagem da violência, mas não devem ser consideradas de maneira isolada, pois todos se complementam para dar forma ao fenômeno.

A utilização de duas abordagens de forma combinada e o cruzamento entre as mesmas tornou-se válido por intermédio dos resultados captados em ambas, o que talvez não fosse possível se utilizasse apenas uma delas, contribuindo assim com uma maior riqueza de dados obtidos.

As análises combinadas dos questionários, dos grupos focais e observações permitiram uma melhor compreensão dos aspectos envolvidos nas práticas de violência relatadas. Os questionários trouxeram opiniões do que os participantes pensam sobre a temática da violência; assim como os Grupos Focais possibilitaram capturar a riqueza de categorias linguísticas extraídas de alunos, professores, equipe de direção e policiais. A utilização de mais de uma técnica fez-se não apenas no sentido de complementação de dados não perceptíveis por uma ou outra técnica, mas para buscar uma maior aproximação com a realidade estudada. Os escritos de Abramovay (2009) nortearam o estudo, no que tange as tipificações presentes no ambiente escolar e instrumentos de detecção dessas, possuindo uma terminologia de violência que melhor atendeu ao propósito do trabalho.

Foram constatados vários episódios ocorridos tanto devido ao local em que a escola se insere, quanto dentro da própria dinâmica de funcionamento da instituição. Como exemplo, as justificativas apresentadas pelos participantes durante o estudo incluíram desagregações familiares citadas por quase maioria desses. Tanto alunos, quanto professores, equipe de direção e policiais, afirmam que os casos de práticas de violência quando apurados mais a fundo têm nas relações familiares a justificativa dos atos.

Há um embate entre família e escola sobre quem é o responsável pela educação da criança. Quando definem a violência como produção externa, deixam claro que a comunidade a qual está inserida a escola, com as gangues e o tráfico de drogas, exerce grande influência e até conduzem esse fazer pedagógico. Criticam a estrutura física em que se encontram nossas escolas assim como programas de governo que vão de encontro a essa estrutura; mas não descartam a violência produzida pela própria escola, através de regras impostas, da relação professor-aluno, do modo de avaliar.

Sendo assim, além do recorte teórico acerca da temática, são consideradas as discussões sobre as relações sociais entre os atores escolares; suas percepções e contribuições; para dessa forma aprofundar o debate no campo da Educação Física e as práticas de violência.



Foi constatado através dos dados coletados, que assim como em outros ambientes da escola, as práticas de violência também se fazem presentes nas aulas de Educação Física, modificando inclusive a dinâmica dessas aulas. A tipificação dos atos em muito se assemelha com os ocorridos em outras situações e ambientes, inclusive com a mesma frequência, sendo justificadas por percepções diferenciadas do fenômeno.

Os xingamentos e ofensas dirigidas por alunos contra outros alunos ou até mesmo aos professores, caracterizou-se como uma constante, ocupando uma das práticas mais ocorridas nas aulas. Aspecto importante é o tratamento dado pelos alunos, considerando tal prática comum e interpretada com normalidade, mesmo quando associadas de forma pejorativa a uma característica física, de raça, gênero e até mesmo condição social. Os motivos são variados; e vão desde um fundamento não executado corretamente, até um comportar-se diferente; mas reinam pela omissão em considerarem o caso como sendo de menor importância, podendo despertar momentos de fúria e revolta, proporcionando brechas para a entrada da violência.

Tais comportamentos passaram a influenciar na participação dos alunos durante as aulas, sendo percebido principalmente a opção de alguns pelo isolamento ou preferência em ficar na sala de aula. Em alguns depoimentos fica claro inclusive a falta de interesse pelas atividades, considerando-as sem utilidade e desconectas da realidade desses. Logo em seguida foram citadas as agressões físicas que acontecem esporadicamente, mas impressionam pela futilidade de motivos e o grau de violência e agressividade envolvido, tornando-se muito mais visíveis do que as agressões verbais. Disputas de namoros, um pisão no pé, um olhar atravessado ou xingamentos, foram relatados como desencadeadores desse tipo de agressão. Relatam inclusive que a quadra é o local de resolução de conflitos já iniciados fora desse ambiente.

Atribuem também como causas dessas práticas, a alta competitividade, a ausência do professor, e principalmente o tipo de esporte ou jogo praticado; tendo na queimada e no futebol modalidades que predominam durante as aulas e que são propícias ao encontro das duas ocorrências. Mesmo que em vários estudos seja atribuída a característica agressiva aos meninos durante a prática do futebol, percebe-se que na escola em questão as meninas são as que com mais frequência se envolvem em episódios violentos. Seu envolvimento adquire uma nova configuração, predominando incidentes que vão desde uma discussão até o envolvimento com gangues e tráfico de drogas.

Aliado a isso, o planejamento das aulas e a postura do professor na resolução de conflitos foram considerados pelos alunos como colaboradores das práticas de violência. Aulas sem utilidade e consideradas como “palhaçadas” por um aluno, devem servir de norte para melhoria da prática e enriquecimento do professor, devendo o planejamento ser uma construção conjunta, dando voz aos que realmente objetivam nosso trabalho. Isso comprova o fato de que um trabalho conjunto deve ser feito quando se pensa em estratégias de tratamento das práticas de violência.

Outro ponto muito citado pelos participantes foi o aumento da incidência dos casos em época de Jogos Interclasse. Cenário de brigas, consumo e tráfico de drogas, bebidas alcoólicas, grande número de furtos e invasão de bandidos, foram associados a esse evento. Pode-se constatar em algumas falas o quão prejudicial é para escola e para os alunos a realização de um evento considerando a comunidade em que está inserida a escola. Desde



**CONCOCE / CONDICE 2010**

IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte  
I Congresso Distrital de Ciências do Esporte  
22 a 25 de setembro de 2010 - Brasília, DF

**ISSN 2178-485X**



uma Festa Junina com portões fechados para a comunidade, até a não utilização de espaços externos para aulas diversificadas de Educação Física ou o próprio torneio.

Vale ressaltar aqui que durante a aplicação do grupo focal com professores e equipe de direção, formou-se um embate sobre a abertura ou não para a comunidade na realização de eventos. Equipe de direção se apóia no fato de conhecer a comunidade por se tratar de ex-alunos que não aproveitaram as oportunidades dadas à época, e que o mesmo ainda fariam agora; justificando a fala com a realização de um evento aberto em que esses alunos se aproveitaram para praticar seus delitos. Já os professores em minoria, acreditam que a falta de atrativos para comunidade e a sensação transmitida à eles de mais uma exclusão, aqui no caso dos eventos, pode ser um fator agravante para que ocorram tantas práticas de violência.

Além dessas causas, citam a estrutura da quadra, a falta de material e a comunidade como contribuintes na criação de um cenário onde figuram as práticas de violência. Mas há aqueles que depositam no esporte e na Educação Física a solução para todos os males, inclusive o da violência, porém percebe-se que sem planejamento e abertura para construção conjunta e discussão da temática, podemos é contribuir para difundir ainda mais essas práticas. O desinteresse dos alunos pela aula, a revolta quando se perde um jogo, a rebeldia e agressividade nas situações apresentadas, podem fazer parte do dia-a-dia, principalmente, do professor que não tem um planejamento bem definido e que não é aberto a discussões.

O que podemos perceber é que fora do ambiente da quadra de esportes, o controle sobre os alunos é enorme, mas quando esses se vêem em uma situação de jogo e de espaços mais livres, a prática da Educação Física pode se constituir em uma válvula de escape dessas tensões do dia-a-dia. E é nesse espaço que os alunos têm a oportunidade de se expressar, mesmo que seja de uma forma mais violenta.

Nesse contexto, a indagação que se faz é em relação a situação da Educação Física e da figura do professor frente a essas práticas e sua real contribuição, trazendo soluções ou problemas. Tal indagação se deve ao fato de se atribuir importância da prática de atividades físicas na inibição de comportamentos violentos. Mas algumas situações ou momentos das aulas podem ser considerados excludentes, violentos, ou reprodutores de situações de violência. Teorias trazem o espaço da Educação Física, representado pelo aprendizado de um esporte, como um espaço de resolução dessas práticas, mas percebe-se que ao lidar com a questão da violência, por muitas vezes acabamos por reforçar o fenômeno, tanto na relação entre os atores envolvidos, quanto na dinâmica das aulas.

Vale lembrar que o referido estudo não teve a pretensão de resolver o problema das práticas de violência nas aulas de Educação Física, mas sim de verificá-las, em que frequência e por quais motivos ocorrem; de forma a contribuir com comunidade, estudantes, professores e equipe gestora, na construção de um ambiente escolar mais harmônico; fornecendo indicadores e ferramentas de auxílio à prática pedagógica.

Ao dar voz aqueles que participam direta e indiretamente dessas práticas de violência, em especial nas aulas de Educação Física, o trabalho possibilita uma reflexão dos profissionais envolvidos com o componente curricular em questão, ressaltando a fundamental importância de um planejamento constante construído em conjunto com os alunos e voltado para eles; descortinando um fenômeno em sua complexidade e auxiliando na construção de uma prática voltada para o enfrentamento da violência.



Finalizando, a temática da violência e suas formas de manifestação devem ser trabalhadas com mais afinco por todos aqueles envolvidos na dinâmica escolar, pois aos que presenciam cotidianamente essas práticas e dela tomam partido, faz-se necessário um aprofundamento pela temática, evitando com isso possíveis rotulações, e reduções do fenômeno às práticas corriqueiras e sem a atenção devida. O professor deve, além de atentar para comportamentos que podem despertar as práticas de violência, intervir e promover o debate acerca dos episódios ocorridos, encontrando soluções conjuntas para melhoria do ambiente das aulas. Mas não deve ser um trabalho isolado, pois como são vários os fatores intervenientes nessa dinâmica, os mesmos devem ser considerados quando se pensar em estratégias mais eficazes para tratamento das práticas de violência.

O discurso da Educação Física enquanto salvação dos males existentes já não é suficiente frente à dinamicidade das práticas e do tratamento exigido, carecendo assim de um olhar mais atento e crítico, que possa intervir e colaborar em um fazer pedagógico que não mais seja duramente contestado; lembrando que o estudo representou uma contribuição acadêmica sem a pretensão de aqui esgotar o assunto.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam. Escola e violência / Miriam Abramovay *et alii*. – Brasília: UNESCO, 2002. 154p.
- \_\_\_\_\_. Violência nas escolas / Miriam Abramovay *et alii*. – Brasília : UNESCO, 2002. 400p.
- \_\_\_\_\_. Cotidiano das escolas: entre violências. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência nas Escolas, Ministério da Educação, 2005. 404 p.
- \_\_\_\_\_. Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas / Miriam Abramovay, Anna Lúcia Cunha, Priscila Pinto Calaf. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana - RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, 2009. 496 p.
- ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação. 2.ed. São Paulo, Paz e Terra - 2000.
- ARENDT, Hannah. Sobre a violência. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- BOTELHO, Rafael Guimarães; SOUZA, José Maurício Capinussú de. Bullying e educação física na escola: características, casos, conseqüências e estratégias de intervenção. Revista de Educação Física – Nº 139 – Dezembro de 2007
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 2ªed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Livraria Francisco Alves Editora S.A – 1975.
- COSTA, Júlio Alves. Violência nas aulas de Educação Física. UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências. Departamento de Educação Física. 2007 – Monografia.
- DEBARBIEUX, Eric. Violência nas escolas: dez abordagens européias / Éric Debarbieux e Catherine Blaya. – Brasília: UNESCO, 2002.
- FILHO, Sandro Carnicelli; SCHWARTZ, Gisele Maria. Jogos cooperativos e condutas violentas: visão do professor de Educação Física. Revista Digital - Buenos Aires - Ano 11 - Nº 96 - Maio de 2006.



- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. 34. Ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2007 – 288p.
- \_\_\_\_\_. Microfísica do Poder / organização e tradução de Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 4ª Ed. 1984.
- GOFFMAN, Erving. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectiva, 1974. 315 p
- LIPPELT, Ricardo Tucci. Violência nas aulas de Educação Física: estudo comparado entre duas escolas da rede pública do Distrito Federal. Dissertação de Mestrado – UCB. 2004
- MICHAUD, Yves. A violência. Editora Ática. 1989
- OLIVEIRA, Flávia Fernandes de; VOTRE, Sebastião Josué. Bullying nas aulas de Educação Física. Revista Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 173-197, maio/agosto de 2006.
- \_\_\_\_\_. Discriminação de gênero nas aulas de educação física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E I CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14., 2005, Porto Alegre. Anais... Rio de Janeiro: UGF, 2005.
- OLIVEIRA, Luciane Paiva Alves de. Violência, Corpo e Escolarização: Apontamentos a partir da teoria crítica da sociedade *in* Educação Do Corpo Na Escola Brasileira / Marcus Aurélio Taborde de Oliveira (org.). – Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção educação física e esportes).
- PERES, Luís Sérgio. A Prática Pedagógica do Professor de Educação Física: Atitudes de violência no contexto escolar. PUC/São Paulo, 2005. Tese de Doutorado.
- RAMOS, Cleonice Pereira; SANTOS, Luciene Neves; LEITE, Amanda Maurício Pereira. A produção das violências nas aulas de Educação Física do C.M.E.F Sílvio Paternez. Acesso em 29/07/2009.
- SOARES, José Montanha. O poder simbólico no cotidiano escolar: reflexões sobre o corpo da criança / José Montanha Soares, Márcio Xavier B. Figueiredo – Ijuí : Ed. Unijuí, 2009.
- VAZ, Alexandre Fernandez; BASSANI, Jaison José; ZEISER, Cristiane Camila; ALBINO, Beatriz Staimbach. Acerca da violência por meio do futebol no ensino de educação física: retratos de uma prática e seus Dilemas. Pensar a Prática, maio/ago. 2008
- WIEVIORKA, Michel. O novo paradigma da violência. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 9(1): 5-41, maio de 1997.